



ARTIGOS

GRUPOS DE PESQUISA E A FUNÇÃO ORIENTADORA. ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARLI ANDRÉ (*in memoriam*, 1944-2021)¹

Lucidio BIANCHETTI

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, SC – Brasil

lucidiob@gmail.com

ORCID: 0000-0001-9748-5646

Luiza TURNES

Universidade federal de Santa Catarina – UFSC

Florianópolis, SC – Brasil

luh_turnes@hotmail.com

ORCID:0000-0002-3062-4952

Contexto da entrevista

Desde o início dos anos de 2000, viemos pesquisando, na condição de pesquisador produtividade do CNPq, questões relacionadas às políticas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. No quadriênio 2015-2019, desenvolvemos o projeto: “Formação e atuação de orientadores de dissertações e teses: De uma prática intuitivo-individual a uma práxis coletivo-grupal”. Investigamos as possibilidades e potencialidades dos grupos de pesquisa como espaços formativos privilegiados para a consolidação da práxis orientadora na Pós-graduação. Em termos empíricos, buscamos apreender aquilo que na literatura ganhou espaço e vem se caracterizando como a constituição de uma “pedagogia ou didática da orientação”.

A coleta de dados foi realizada junto aos participantes de grupos de pesquisa da área de Educação cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Para isso, a pesquisa foi organizada dentro de três focos: no primeiro, foi feito um estudo de caso junto aos participantes de três grupos de pesquisa da área de educação (das regiões sul², sudeste³ e nordeste⁴), utilizando como instrumentos de coleta de dados o grupo focal, entrevistas e observações participantes. No segundo foco, foi realizada a aplicação de questionário online a todos os docentes/pesquisadores que atuavam em Cursos de Doutorado na área de Educação no país. Os objetivos dos dois focos envolveram a caracterização e análise da organização e do funcionamento dos grupos de pesquisa, buscando evidenciar suas estratégias de pesquisa em geral e de orientação em particular, e as percepções e convicções de seus participantes sobre o potencial do grupo como espaço de formação e de atuação de orientadores de dissertações e teses. No terceiro foco, fizemos entrevistas com pesquisadores seniores, para a coleta de dados sobre propostas e experiências pioneiras de trabalhos de grupos de pesquisa e sua contribuição para a criação de uma cultura de pesquisa e de formação de grupos de pesquisadores.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, um dos grupos com o qual trabalhamos, dado seu histórico e reconhecimento na comunidade científica da área de educação, foi o grupo de pesquisa denominado: “Núcleo de estudos e pesquisas sobre desenvolvimento profissional docente”, liderado pela profa. Dra. Marli André. A entrevista foi desenvolvida a partir de um roteiro organizado dentro de três eixos: formação e carreira do líder; sua condição de líder do Grupo (tempo, liderança, atuação); e seu entendimento sobre três questões centrais, a saber: como avalia a importância do Grupo no processo de formar orientadores? Em que indicadores sustenta a sua avaliação? Considera o grupo de pesquisa como um locus de formação e de atuação de orientadores?

A entrevista, reproduzida a seguir, foi realizada nas dependências da PUC/SP, no dia 11 de agosto de 2017, com duração de 1h15min. Após transcrita, foi encaminhada à professora Marli que prontamente a revisou e nos reencaminhou. Concluída a pesquisa, a utilizamos para o relatório ao CNPq e para publicações.

Concluo esta parte introdutória acrescentando que fui aluno da Marli no mestrado em Educação da PUC-Rio, em 1981, e de lá para cá, direta ou indiretamente, viemos mantendo contatos e ricas interações. Com seu falecimento, nós, da área de educação, perdemos a presença de uma colega, amiga, profissional. As perdas com sua ausência são compensadas pelo seu legado, expresso em publicações, e pela memória do seu exemplo como professora e pesquisadora comprometida. O encaminhamento para publicação da entrevista é mais um item desse legado que reforça a convicção de que a sua ausência física fará falta, mas seu exemplo continuará vivo para familiares, colegas, amigos/as, ex-alunos/as e ex-orientandos/as.

A Entrevista

Lucídio Bianchetti (LB): Hoje é dia 11 de agosto. Estamos na PUC/SP, conversando com a professora Marli André. Obrigado, Marli, por esta possibilidade de diálogo sobre grupos de pesquisa e particularmente em relação ao grupo que você coordena. No contexto da nossa pesquisa buscamos investigar os grupos de pesquisa como loci espaço-temporais de formação e de atuação de orientadores de dissertações e teses. Na sua condição de líder de um grupo, como você concebe a tarefa/função de orientadora, que não é aquela da orientação formal, orientador-orientando, embora também. Gostaríamos de iniciar sugerindo que você, brevemente, retomasse como foi o processo de ser orientada no mestrado e no doutorado, como você passou da condição de orientanda à de orientadora na pós-graduação stricto sensu e que transformações você percebe na função orientadora neste período entre sua condição de orientanda e de orientadora.

Marli André (MA): Bom, eu fui orientada pela Vera Candau, na PUC do Rio de Janeiro, e a experiência que eu tive no mestrado da PUC foi muito formativa no sentido da orientação porque, muito embora eu tivesse uma orientadora, que era a Vera, eu participava também de grupos de pesquisa que não eram da minha orientadora. Então, havia um grupo que era da Menga, um grupo que fazia pesquisa junto, e que tinha o financiamento do INEP, naquela época, e eu me interessei muito em participar desse grupo. Ela disse: "olha, eu não tenho mais financiamento para você da agência financiadora". E eu disse: "eu quero aprender junto". Então eu comecei a participar do grupo. Lembro que tinha, além dela, a Marisa, mulher do João Batista Oliveira, que são autores do material Alfa e Beto. Naquela época, ele era diretor da FINEP, do Rio de Janeiro, e a mulher dele participava do grupo. Ela não era do quadro da PUC, mas era membro da pesquisa. Foi muito interessante participar desse grupo da Menga para aprender a fazer pesquisa. Depois, eu participei de outro grupo de outra professora de lá, a Zélia Mediano. Eu também participei do grupo dela que era uma proposta de formação de professores baseada em Paulo Freire. Foi outro processo muito interessante. Eu acho que são muitas experiências que eu vivi, com pessoas diferentes, que me possibilitaram conhecer modos diferentes também de trabalhar com grupos. E a PUC tinha muita essa cultura do grupo. Eu acho que tudo o que eu faço em grupo hoje é devedor dessa experiência e dessa oportunidade que eu tive na PUC de poder participar de diversos grupos. Então eu fui muito pouco orientada pela Vera. Basicamente porque assim que eu terminei o meu mestrado, eu fui para os Estados Unidos, acompanhando o meu marido, e eu praticamente fiz a minha dissertação sozinha. Mas nesse tempo que eu fiquei na PUC, eu trabalhei com essas diferentes professoras e isso me ajudou muito, também, no meu trabalho, mais ou menos individual, nos Estados Unidos. A experiência dos Estados Unidos de orientação é muito diferente daqui. Porque você fica muito "você" fazendo o seu trabalho. Eu trabalhava no Centro do meu orientador, que também era o Centro de pesquisa. Então era mais trabalhar com as pesquisas que estavam sendo feitas do que trabalhar "cara a cara" a minha pesquisa com a dele. A minha pesquisa estava junto com as outras pesquisas, então, isso também eu fui aprendendo. Tem uma pesquisa mãe e têm as pesquisas filhas, como nós chamamos. Pesquisas que são articuladas a um tema mais geral que, na época, era o tema da compreensão de textos, da aprendizagem da leitura, da escrita, era um pouco por aí. Mas, é assim, eu não posso dizer que era igual à PUC porque as relações lá são diferentes, não são tão afetivas, como são aqui na nossa cultura. E com isso eu tive pouca experiência de orientação mesmo, propriamente dita. Ou do aprendizado da orientação...

LB: Isso na condição de orientanda...

MA: Como orientanda. Ainda falando como orientanda lá nos Estados Unidos, quando eu estava fazendo o meu doutorado, era uma coisa mais ou menos assim: era um participante de um grupo de pesquisa do orientador, que estava sendo financiada pelas agências financiadoras dos Estados Unidos, e nós colaborávamos com essa pesquisa dele. Então, era muito pouco o contato orientador-orientando. Com os outros

orientandos dele, eu tinha mais contato. Então era uma convivência grande com os doutorandos o que possibilitava que nós tivéssemos, assim, um referencial teórico mais coletivo e, com isso, cada um desenvolvia o seu trabalho na linha mais específica do doutorado. Também foi uma experiência muito curta. Porque eu, em três anos, fiz o meu doutorado. Voltei para o Brasil e já fui trabalhar diretamente na pós-graduação. Era na época em que você se formava e a pós-graduação estava começando. Voltei em 1978. Nesse ano, a PUC-Rio já tinha Pós-graduação há mais de 10 anos, mas precisava de gente, formada, com doutorado, então, você já começa dando aula e orientando. Já assumi a orientação diretamente e logo foi um trabalho de aprender um pouco, imitando os meus antigos orientadores, imitando muito essa cultura da PUC, que era a de trabalhar coletivamente. Então eu sempre tive grupo de orientandos, sempre com essa ideia de uma pesquisa mãe e as pesquisas filhas. Uma pesquisa mais aprofundada em uma temática que era comum a todos e depois as pessoas que participavam do grupo iam desenvolvendo os seus trabalhos individuais. E tinham coisas muito diferentes. Eu lembro que uma das primeiras pesquisas era sobre Piaget na sala de aula e eu tinha feito uma especialização, no meu doutorado, uma das linhas de pesquisa era a sala de aula; uma outra linha, a principal, era ensino, e a outra, avaliação. Eu dava aula na PUC sobre observação em sala de aula e comecei a orientar os meus orientandos voltando muito para a questão da sala de aula, na educação básica. E essa era a temática comum. O que acontece na escola. Era na época em que se estava voltando para os fatores intraescolares. Era um tema que estava se iniciando na nossa pesquisa em educação. E eu tentava, sim, imitar aquilo que eu tinha vivido lá na PUC, com grupos de pesquisa diferentes, e ao mesmo tempo desenvolvendo uma pesquisa, e orientando pesquisas relacionadas àquele grupo. E a PUC dava muito estímulo para continuarmos fazendo pesquisa em grupo. Porque outras pessoas também faziam, outros colegas também faziam. Era um pouco uma norma, não escrita, mas uma norma que nós tínhamos entre nós de trabalhar com grupos.

LB: Me permita, Marli, só uma pequena inserção. Esse ethos do coletivo era realmente muito forte na PUC-Rio. Tanto que em 1979, quando iniciei meu mestrado na Instituição, nunca tinha ouvido falar de trabalhos em grupo e, de repente, eu estava no grupo da Sônia Kramer e do Luiz Basílio, estudando Bernard Charlot, Pierre Bourdieu. Enfim, somente quero reforçar a ideia que você está explicitando de que a PUC realmente tinha essa questão da cultura do grupo.

MA: Era uma cultura do grupo. E muito do grupo mesmo. Você estava falando do estudo, por exemplo, tinha um livro que era muito difícil para nós estudarmos sozinhas: o livro do Karel Kosik: A dialética do concreto. Então nós fizemos um grupo para estudar "A dialética do concreto". Hoje eu sei muito do Kosik, ele é a minha fundamentação básica, porque foi estudado em conjunto. Agnes Heller também foi outro grupo que nós fizemos, isso já mais tarde. Havia muito estímulo para nós fazermos essas coisas. E com isso nós tínhamos uma formação muito mais, vamos dizer assim, adensada, por causa dessas oportunidades que nós tivemos de trabalhar em grupo. E como nós víamos que dava muito certo conosco, nós tentávamos fazer junto com os nossos alunos. Então as minhas primeiras orientações foram assim. Mas eu me lembro que sentia muita dificuldade ainda nas temáticas, porque eram temáticas que, por eu ter acabado de chegar dos Estados Unidos, onde eu fiquei estudando certas coisas e lendo basicamente referências dos Estados Unidos, faltavam outras leituras, tipo a literatura francesa de Bourdieu e Passeron; todos esses autores, eu só vim a ter contato aqui no Brasil, quando eu voltei do meu doutorado, porque eu nem sabia que existiam.

LB: É, lembro que a entrada no mestrado nos colocou em contato, no grupo, com autores sobre os quais pouco ou nada eu havia lido, como N. Poulantzas, Antônio Gramsci...

MA: É. Então, era um susto para mim. E também, às vezes, vinham alguns alunos que falavam da pesquisa-ação. Eu lembro que tinha uma aluna que trouxe um livro de pesquisa. Ela até chamava de pesquisa

militante. Eu não tinha a menor ideia do que se tratava. Nós fazíamos ainda pesquisa do tipo experimental, naquele tempo, nos Estados Unidos. Então eu me lembro que tive bastante dificuldade de orientar porque eu tive que me familiarizar com a literatura. Teve uma produção enorme dessa área nesse período que eu fiquei fora do Brasil.

Luiza Turnes (LT): Marli, poderias falar um pouco mais desse período de formação nos EUA e do retorno ao Brasil?

MA: Fui para os Estados Unidos em 1975 e voltei em 1978. Então, esse período tinha muita produção. E nós tínhamos que resolver isso sozinhos. Porque um queria estudar o Piaget, outro queria estudar a realidade da escola pública, outro queria outra coisa. Então, eu lembro que orientei um trabalho sobre o conselho de classe nas escolas brasileiras. Eu estava precisando muito me fundamentar para poder fazer essas orientações. Agora, o fato de nós termos a oportunidade de fazer essa orientação coletiva era muito interessante, porque, às vezes, os alunos tinham o conhecimento que eles traziam e que nós trocávamos. Não havia aquela ideia de porque eu sou orientador tenho que saber mais do que todos os meus alunos. E havia muito essa ideia de o grupo se ajudar. Nas leituras, nas trocas que se fazia, entre os grupos, então, foi assim um processo de aprendizado da orientação. Ele foi muito baseado no que a gente sabe, na experiência anterior, como orientando, e na experiência de ensaio e erro, um pouco assim. De fazer e ver se dá certo. Para alguns alunos, era até difícil essa coisa do grupo, não era fácil para todo mundo. Eu tinha alunos que estranhavam muito o fato de nós abirmos os trabalhos entre nós, no grupo todo. Tinham alguns que se incomodavam com isso. Para outros, não, para outros, já era uma coisa mais normal, mais familiar. E, com isso, ao vir do Rio de Janeiro para São Paulo, eu tentei um pouco continuar essa experiência na USP.

LB: E como foi essa experiência do trabalho em grupo ao passar a atuar em uma universidade pública?

MA: Então, como é que era na USP? Em um primeiro momento, a Luciana Geovani, a Maria Helena Silva, as duas de Araraquara, que foram minhas orientandas, a Maria de Lourdes da UFMG, a Pura Lúcia Martins, a Joana Romanowski, foram todas minhas orientandas e nós conseguimos, em um primeiro momento, e com algumas dessas orientandas, manter um pouco aquela ideia do trabalho coletivo. De ter horário de orientação, de fazer a discussão dos trabalhos, de ter uma pesquisa mãe e pesquisas filiações nessa pesquisa mãe, mas havia mais resistência da própria instituição... Não era tão valorizado como, por exemplo, era na PUC do Rio. Era uma coisa meio estranha porque os outros colegas não tinham esse hábito. Eles tinham o hábito de fazer a orientação individual, numa perspectiva meio personalista. Então, uma ou outra pessoa fazia e aí olhavam um pouco, assim, meio atravessado: o que é essa história de fazer orientação coletiva? Mas lá também tinha as regras, porque, quando você chegava, você não podia pegar muitos alunos, você só podia pegar dois. A pós-graduação definia que você só podia pegar dois alunos e que você só podia pegar doutorando quando você já tivesse levado alguns alunos do mestrado para a defesa. Eu, quando cheguei da PUC do Rio, já tinha alguns alunos que tinham defendido, então...

LB: Você preenchia o requisito!

MA: É, preenchia o requisito, mas era assim, devagar, porque você era de fora, você não era muito conhecida. E a instituição em si, o que eu percebia, era muito raro ver pessoas que faziam coisas como eu fazia. Mesmo porque você não tinha nem espaço para fazer. Na PUC do Rio, por exemplo, nós tínhamos uma sala e quando nós queríamos ocupar o horário, nós reservávamos aquela sala e aquela sala era sua. E na USP não. Tinha uma sala compartilhada com mais duas pessoas. Você tinha que ver os horários que as pessoas não estavam e...

LB: Conciliar.

MA: É. Então, isso também é uma coisa que faz falta quando você quer trabalhar em grupo. Tem que ter um espaço.

LB: As tão decantadas condições materiais.

MA: As condições materiais são fundamentais para que isso aconteça e nós trabalhamos por um tempo, nós conseguimos fazer isso, mas já no final, quando eu saí de lá, eu já estava fazendo orientação individual.

LB: Quer dizer que se aprende a trabalhar no coletivo, mas dependendo das condições, aprende-se o inverso também?

MA: Aprende-se o inverso também. Porque você fica conciliando horários com as outras pessoas. Começa a ter a dificuldade também da pós-graduação, porque ela também foi evoluindo, então, as pessoas que tinham naquela época dedicação, que tinham bolsa, eram liberadas das suas instituições para ficar em São Paulo. Mas isso foi mudando. Então, começou a ter aluno que viajava e que só vinha naquele dia. Vinham porque tinham aula e iam embora porque tinham que trabalhar nas suas instituições. O pessoal de Araraquara... tinha pessoas que vinham de Goiânia. A Sandra Mara, que foi minha orientanda, vinha em um dia e depois voltava para trabalhar na universidade federal. Tinha gente que vinha de Minas, de Curitiba. A Romilda viajava à noite. Naquele tempo, nem tinha muita condição de vir de avião, porque era caro. Ela vinha de ônibus. Então, isso também dificultava de você fazer trabalho em grupo. Porque uma podia vir em um dia, outra em outro dia.

LB: A diminuição dos concursos, a falta de bolsas foi gerando o problema de professores para frequentarem a pós-graduação.

MA: Foi tendo mais dificuldades para a liberação. Eu falo isso para os meus alunos: a gente faz muita crítica na pesquisa, mas na hora em que fazemos a crítica temos que relativizar tendo em conta isso. Quais são as condições para a produção do conhecimento? De que condições nós dispomos? Com o acúmulo de tarefas que todo mundo tem, conciliar trabalho e formação ao mesmo tempo... isso tudo vai fazendo com que você tenha que pensar novas formas de trabalho na universidade e também prejudica a qualidade da pesquisa. Lógico que quando você está, como eu, que estava lá só estudando, com a minha bolsa, só para fazer isso, você tem uma condição para fazer um bom trabalho. E se você tem que se dividir há um comprometimento maior da qualidade. Eu acho que há. Então, essa mudança no final da minha estada na USP era por conta disso, porque tinham mudado muito as outras condições e eu assumi a coordenação da PG. Eu fiquei sete anos na coordenação da pós-graduação.

LB: Coordenando orientadores.

MA: Coordenando orientadores. E havia 99 linhas de pesquisa quando eu entrei. Nós fizemos uma mudança na pós-graduação, uma reforma enorme para se tornarem linhas de pesquisa mesmo. Foi assim. A reforma que tem até hoje fui eu que implantei junto com alguns professores que decidiram junto comigo.

LB: Quer dizer: todo um trabalho de reestruturação para superar o chamado "eu linha".

MA: Isso. Porque era “eu linha”. Eram 99 linhas mesmo. Eu lembro da lista de 99. E eram orientadores muito famosos. Desde o Celso Beisiegel, o Azanha, a Maria Malta, a Lizete Arelaro, enfim. Todos estavam na pós-graduação de lá. Por isso, as condições por estar nesse cargo administrativo, que não te liberava de nada mais, você tinha que manter aula na graduação, aula na pós-graduação, a orientação e a coordenação. Então, isso dificultava de você se dedicar mais para o grupo, conciliar esses horários.

LB: E a gente sabe o quanto a gestão absorve, com tantas exigências burocráticas.

MA: Então, ela é muito absorvente e lá ela era difícil mesmo, porque era tudo muito problemático. O fato de você ser coordenadora te faz participar do Conselho Universitário, de outras instâncias. Do “conselhão”, que era o conselho de todos os coordenadores de PG da USP. E isso te toma tempo. Eu acho que eu fui também me envolvendo um pouco nessas coisas todas e...

LB: Refluindo um pouco daquela questão do trabalho coletivo.

MA: Refluindo da questão, daquela cultura do trabalho em grupo. E aqui na PUC reencontro essa cultura. Quando eu saio da USP e venho para cá, no ano 2000: já faz 18 anos que eu estou aqui! Eu recebi um lote de orientandos. Eram cinco que ninguém queria. Então, elas contrataram professor novo e precisava de gente para orientar. E esses eram os que ninguém tinha escolhido.

LB: Essa é uma experiência que também vivenciei: ao retornar do doutorado descobri que além dos sem teto e dos sem-terra, na pós-graduação havia os sem orientador.

MA: Sem orientador. Exatamente. Então, os temas que eles queriam estudar eram todos, assim, esdrúxulos. Uma era da matemática, a outra era da educação física, não me lembro muito bem quais eram...

LB: Mas nada convergente...

MA: Nada convergente. Aliás, muito divergente. Muito estranhos os trabalhos que tinham que ser feitos. Então era um reaprendizado nesse sentido, porque você tem que se familiarizar com esse pessoal, com as pessoas, com o novo ambiente de trabalho, com uma nova forma de trabalhar que era mais interessante, mais gostosa, mais afetiva. Mas com novas normas, novas regras, e eu não conhecia ninguém aqui na PUC. Eu não tinha estudado aqui. E com orientandos estranhos, vamos dizer assim. Querendo fazer coisas muito variadas. Então, esse foi um período difícil, eu acho, na orientação. Mas eu continuei fazendo trabalho em grupo, porque eu falei...

LB: Percebeu, assim, que era necessário e possível retomar o trabalho grupal.

MA: Sim, retomei. E foi muito bom porque hoje tem, desses primeiros orientandos aqui da PUC, que ficaram amigos até hoje. Porque o grupo de orientação criou vínculos entre eles que permanecem até hoje. Um vai visitar o outro. Vai na casa do outro, porque o encontro, a convivência propiciou. E aqui senti outra vez que era um ambiente, que isso era uma coisa mais familiar para todos. Era também estimulado. A Vera já trabalhava assim, a Laurinda já trabalhava assim. Outras colegas trabalhavam assim. Eu não me sentia uma estranha no ninho. Me sentia com outros companheiros que tinham essa mesma prática de fazer a orientação coletiva. A Abigail era um ícone para nós, dentro do nosso Programa. Ela tinha uma tradição de fazer um trabalho coletivo com as orientandas dela. A Ana Calil falava que eram as “Mahoney”, em referência

ao sobrenome da professora Abigail. Porque era um trabalho que foi sendo criado com muito desvelo, com muito carinho, e nós nos espelhávamos um pouco no que a professora Abigail fazia. Era muito valorizado pelos alunos. Eles gostavam muito de estarem juntos, de fazerem os trabalhos juntos. E dentro de uma temática. Eu voltei muito para essa questão. Uma temática ampla, para trabalharmos juntos. Por exemplo: ela tinha como base Wallon, todo os alunos dela tinham como base Wallon, tinham como referencial Wallon, faziam as suas pesquisas sobre Wallon. Então, nós fomos aprendendo um pouco com esses exemplos que tínhamos ...

LB: Aprendendo a focalizar temáticas específicas, convergentes.

MA: Focalizar mais a fundamentação. Porque a psicologia da educação é uma área meio mista. Meio mestiça, como diz o Charlot. Nós tínhamos que procurar não nos dispersar nesses vários aportes teóricos. Então, aqui, na PUC, eu voltei outra vez a retomar essa atividade em grupo e até hoje nós tentamos. Não é muito fácil, porque, quando nós trabalhamos com alunos que trabalham em diversos lugares, é muito difícil conciliar horários comuns. Então, às vezes, nós não fazemos, por conta da falta de horários. E aí veio essa ideia do grupo de pesquisa. Desse grupão que chamamos de núcleo. “Núcleo de estudos e pesquisa de desenvolvimento profissional”, que foi uma constituição que nós fomos pensando com os orientandos. Nós fomos pensando assim: vamos fazer alguma coisa que seja ao mesmo tempo articulada com a nossa linha de pesquisa, que se chama “Processos Psicossociais na Formação de Professores.” Então, nós pensamos: nós trabalhamos coisas comuns, então, podemos constituir um grupo que pode se fortalecer mais, tanto na fundamentação quanto nas metodologias. Metodologias de trabalho, metodologias de pesquisa que iriam beneficiar o grupo se nós estivéssemos juntos. Então veio essa ideia de criar esse núcleo que tem a Vera, a Laurinda e eu com subprojetos. E nesses subprojetos nós encontramos um horário comum, que era uma coisa que nós tínhamos dificuldade no dia a dia. Fazer os encontros nas sextas-feiras. Sexta-feira, a pós-graduação da PUC não tem aula. Então, é um horário possível que nós podemos adequar. As sextas-feiras, nós deixamos para as bancas. Como é uma coisa mensal, nós temos mais possibilidades de nos encontrarmos. E, ao mesmo tempo, esses subgrupos têm os seus espaços próprios. A Vera tem um horário que é quinta-feira pela manhã e que ela se reúne com os orientandos dela. Ela põe uma disciplina dela nesse horário, porque ela estende a disciplina e faz a reunião do grupo. Eu também aproveito o dia em que nós temos o grupão de manhã para fazer o meu subgrupo à tarde. Então as pessoas já vêm e ficam porque já sabem que à tarde nós temos o horário para fazer esse trabalho de discussão de pesquisa. Hoje não está tendo porque nós tivemos um seminário de pesquisa de três dias, mas, em geral, nós temos uma reunião após o almoço.

LT: Mas então, nessa reunião de sexta-feira de manhã, não são discutidos os projetos específicos desses subgrupos.

MA: A próxima reunião vai ser o projeto do meu subgrupo. O da Vera ela já falou que vai ficar para o ano que vem. Que é do subgrupo dela.

LT: Portanto, o funcionamento do grupo contempla esses dois momentos: Tem essa reunião do grupo que é agendada uma por mês, mais ou menos, e tem esses outros encontros da tarde.

MA: É. Esse da tarde é mais para construir a pesquisa. Para desenvolver a pesquisa junto. Para desenvolver os trabalhos de pesquisa. Que é uma pesquisa grande também e que tem vários membros, vários galinhos da árvore.

LB:

São as ramificações.

MA:

Ramificações. E as pessoas vão desenvolvendo e discutindo nesse espaço do grupo pequeno. Esse é um grupo de pesquisa porque faz a pesquisa junto. E o grupo da manhã não necessariamente é um grupo de pesquisa. Ele é um grupo de reflexão coletiva sobre assuntos que são importantes para o grupo. Que nós vamos definindo no próprio transcorrer do trabalho. Então, nesse primeiro semestre, nós tivemos bastante discussão sobre política de educação. O PNE: então vamos discutir o PNE. Vamos discutir a proposta do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Já tivemos um que foi sobre as políticas de formação da Secretaria Municipal de Educação, que foi com aquele rapaz que eu te falei, o Cristóvão, que é o supervisor e que participa do grupão. Então ele também reuniu os supervisores de várias escolas da região dele e eles fizeram um grupo de estudos. Até ele disse que foi muito baseado nessa experiência que nós temos aqui.

LB: Você fez escola, então?

MA: É. Então ele reuniu. Eles fazem uma vez por mês uma reunião em escolas diferentes. Eles se reúnem nas escolas para estudar a política de educação. Porque quando entrou o Haddad aqui, o secretário de educação, eles tiveram uma série de mudanças na política educacional do município com coisas muito novas. Desenvolvimento da autoria, desenvolvimento do PEA (Projeto Educacional em Ação) que é o espaço da formação do professor. Então tem muitas coisas novas que apareceram na política da Secretaria. Eles se reuniram para estudar, eles foram buscar livros que ajudassem a estudar esse assunto.

LB: Podemos deduzir, pela exposição que você está fazendo que, a partir do grupo, está se constituindo uma rede de pesquisa?

MA: Então, eu não sei. Eu acho que talvez ela esteja em construção. Mas eu não sei como é que vai ser essa rede. Porque eu não esperava que isso fosse acontecer. E de repente o Cristóvão chega e diz: "olha nós estamos fazendo isso". Ele contou isso um dia, comentando um outro trabalho, e aí veio a equipe dele, o grupo dele veio inteiro, superfelizes e orgulhosos por terem sido convidados. É o pessoal da rede. Não são pesquisadores da universidade.

LB: Mas que vieram para a universidade.

MA: E que veio para a universidade apresentar trabalho. Então, é muito bonito, assim. Escreveram um texto para apresentar em um congresso. Então, eu acho que isso está se construindo, mas eu não sei ainda como é que é. Não é uma coisa, assim, induzida por alguém...

LB: Mas também não é espontaneísta.

MA: Não é espontaneísta. Por exemplo, essas meninas que são de Taubaté: hoje elas têm uma pós-graduação lá. Elas perguntaram: "como eu constituo um grupo de pesquisa lá? Porque eu quero fazer um grupo de pesquisa. Como é que eu faço? Eu queria fazer uma coisa parecida com o que você tem aqui. Então me dá umas dicas de como fazer isso".

LB: Nesse contexto de grupo, você se sente orientadora nesse processo? Porque nós estamos falando de pesquisa agora. Mas ao mesmo tempo, nós estamos buscando elementos para adensar a discussão da orientação não mais como uma atividade eu-você, orientador-orientando. Como você se sente? Agora não mais como a pesquisadora, mas como a orientadora desse coletivo que é heterogêneo.

MA: Que é bem heterogêneo. Eu sou uma “mãezona” nesse sentido. Assim, eu acho muito interessante. Eu sou uma pessoa que acolho muito e também não imponho. Eu gosto que as pessoas criem as suas próprias asas. Isso para dizer o que eu respondo quando me perguntam “como é que se cria um grupo de pesquisa” Eu digo: “depende do que está faltando”. Por exemplo, se eu acho que falta nós discutirmos metodologias de pesquisa, ou se nós não sabemos direito como orientar os trabalhos, aí nós vamos nos concentrar nisso. Elas dizem: “Sempre surgem muitas dúvidas na hora da orientação das metodologias. Nós não sabemos direito”. Eu respondo: “Bom, eu ainda não fiz uma listagem de como é que se faz isso, mas precisa convidar os professores, veja com os voluntários, e aí vocês vão discutir, decidam juntos o que é e o que não é”. Então, eu vejo que as pessoas sentem falta de terem outros interlocutores, colegas com quem possam discutir as dificuldades. Principalmente quem está na pós-graduação. Eu sinto bastante isso. Porque são muitas coisas novas...

LB: Sem falar nas exigências de publicação.

MA: Tem, tem que publicar.

LT: E isso coloca a pessoa numa pressão...

MA: Numa pressão, não é? E ao mesmo tempo, sente que não dá conta sozinho. Por exemplo, tantas coisas que os alunos querem discutir e nós não temos, às vezes, referenciais. Como é que deve analisar o grupo focal? Como é que você analisa dados do grupo focal? De que que você chama essa pesquisa que esse aluno está fazendo? Como é que você caracteriza essa pesquisa? Então, as pessoas que convivem comigo falam muito assim: “nós temos que ficar muito abertos para isso. Mas, assim, estamos aprendendo juntos, estamos construindo juntos, estamos buscando juntos”. Eu me sinto formadora nesse sentido. Eu abro espaço para quem quiser. Eu sou muito nessa linha. Eu já recebi muito na minha vida. Eu fui bolsista de mestrado. Fui bolsista de doutorado. De pós-doutorado. Eu recebi muito investimento público. E eu acho que eu tenho que distribuir esse investimento que eu recebi. Então, eu sou muito aberta a isso, de disponibilizar referenciais, coisas novas que estão acontecendo. Nós temos ido a congressos juntos, esse grupo. Com o meu subgrupo, nós apresentamos trabalhos juntos. Nós escrevemos juntos, fizemos um livro juntos no ano de 2016: Práticas inovadoras de formação. E foi do grupo. Nós fizemos uma escrita a cada dois, ou três e depois coletivizamos, produzimos o livro e está sendo muito bom. Está saindo muito bem. Tivemos duas edições em um ano só. E ele foi fruto, não foi uma coisa, assim, que apareceu, dos trabalhos que foram desenvolvidos juntos, foram apresentados em congressos, cada um foi fazendo um texto, então, é muito nesse sentido. A formação para escrever, a formação para fazer pesquisa, a formação para socializar a pesquisa nos congressos. O compartilhamento do aprendizado é generoso, não devemos ficar guardando para nós as coisas.

LB: Quando você falou “mãezona” me ocorreu que muitas pessoas têm essa ideia do oposto, que é a perda do controle. Como se a orientação atribuísse à pessoa um controle de que ela não pode se descuidar para não perder. Parece que você não teve preocupação com a perda.

MA: Eu não tenho nenhuma preocupação com isso. Por exemplo: se você fosse conversar com a Vera Placco você ia ver como ela é diferente de mim. Primeiro, ninguém pode falar um “a” do orientando dela que ela te mata. Então, é uma coisa diferente. Eu gosto dos meus orientandos, mas eu não tenho aquela coisa que eu vou defendê-los até a morte. A Vera defende até a morte cada um deles. Então, tem estilos de formação. E eles são muito ligados, de saírem juntos, então, assim, eu não tenho muito isso. Eu sou mais profissional, vamos dizer assim. Eu sou muito aberta, de disponibilizar coisas e de ter certeza de que isso é uma coisa de crescimento para todos. Porque cada um tem que aprender a crescer nos seus moldes e não sou eu que vou definir isso.

LB: Marli, você acha que nesse processo de orientação coletiva acaba se materializando a teorização de Vygotsky sobre “zona de desenvolvimento proximal”, dada a heterogeneidade do grupo? Como você consegue lidar com esses extremos? De alguém que é colega e que inclusive tem uma metodologia diferente, e alguém que está começando como aluno da pós-graduação?

MA: Então, é bem diferente isso, mas nós vamos aprendendo ao longo da vida a dispor essas trocas, a fazer esse jogo. Uns apoiando os outros. Nós temos aqui o mestrado profissional que, para nós, está sendo um grande desafio de aprendizado da orientação também. Ontem mesmo, na primeira aula que eu dei, eu perguntei: “por que vocês vieram fazer o meu curso? E eles responderam: “porque nós não sabemos nada de pesquisa, porque nós queremos aprender muito.” Eles são muito práticos, estão na rede, são pessoas que têm uma grande experiência, que têm um trabalho magnífico, mas que não têm a familiaridade com a pesquisa.

LB: E com a sistematização do conhecimento.

MA: A sistematização e a escrita, principalmente a escrita. A escrita, dizem que é muito difícil para eles. A escrita acadêmica. Então, você tem que ter um pouco de paciência nesse sentido, por isso, às vezes, nós chamamos um doutorando junto. Para o doutorando dar uma ajuda. Nós temos o sistema de tutoria no mestrado profissional. São os doutorandos que fazem o sistema de tutoria, eles trabalham junto com os mestrados profissionais. Ajudando no desenvolvimento dessa escrita acadêmica. Então, nós vamos fazendo algumas composições dessa natureza. Com as diferenças que existem. Uma das minhas orientandas que estava aí, a Adriana, ela ajuda muito, coordena esse trabalho, às vezes. Nós vamos criando pontes entre essas diferenças que são muito grandes. Doutorado nós temos só o acadêmico. Mas nós já temos alunos que foram do mestrado profissional e que hoje estão no doutorado acadêmico. Temos cinco alunos assim e eles já estão ajudando nessas pontes entre os mestrados. Porque eles já vivenciaram isso. E agora eles podem, também, falar de outro lugar. Com essa preocupação. Então, nós vamos inventando umas formas de fazer, e não é nivelar.

LB: De extrair o potencial.

MA: De extrair o potencial máximo das pessoas, e se você cria vínculos afetivos, que é um pouco da nossa cultura aqui da PUC e é muito grande isso. Se fizermos uma comparação entre a USP e a PUC, é muito diferente. Entre os alunos, lá você via muito mais competição, muito mais cada um guardando as suas coisas, e aqui não, aqui você vê o estímulo às pessoas trocarem. Então a troca faz parte, aqui, do nosso trabalho. Nós procuramos os mediadores, e são os mediadores mesmo, e não somos só nós. Nós buscamos outros mediadores que ajudem um pouco a lidar com as diferenças existentes entre os componentes do grupo.

LB: Ouvindo você falar dá a impressão que você sabe muito bem, tem muita clareza, sobre o que não fazer e o que não dá certo. E o que fazer você vai permitindo, aprimorando...

MA: Vai aprendendo, é um aprendizado. Depois de estar quase 40 anos na pós-graduação, você assumir um mestrado profissional é uma coisa nova, diferente. Mas se você se colocar nessa posição, de que se pode fazer uma coisa boa também aqui nesse espaço, e com muito rigor, então você vai aprendendo como fazer isso. Não tem cartilha, não.

LT: Não têm prescrições.

MA: Não está escrito. Mas sabemos, um pouco pela experiência vivida anteriormente, aquilo que não dá certo, aquilo que tem o potencial de dar certo, e vamos até encontrar esses caminhos...

LB: Na direção daquilo que estamos conversando, gostaria de inserir outro aspecto relacionado agora mais especificamente à atividade de orientação: há um grupo de pesquisadores da Universidade de Nottingham⁵, cuja ideia básica é a de que a orientação de dissertação e teses precisa ser encarada como uma pedagogia ou uma didática que pode ser ensinada e aprendida.

MA: Será que pode mesmo? Eu não sei se é possível. Mas há uma coisa bem interessante quando você fala isso: os nossos tutores, acho que nós estamos fazendo alguma coisa parecida com isso. No mestrado profissional nós não temos orientação logo no começo. Eu vou ter que falar isso para você entender o que é. Vou ter que dar uma retomada. O mestrado profissional não tem bolsa, para que nós possamos atender a rede, nós aceitamos a proposta da PUC, que é a seguinte: eles só vão ter orientação no terceiro semestre. E a CAPES aceitou isso. Então, os dois primeiros semestres não têm orientação, por outro lado, não é possível só no terceiro e quartos semestres. Então nós inventamos a história da tutoria. E a tutoria é a formação do orientador. Então, o que eu fiz? Nós fizemos um curso de tutoria. Lindíssimo, maravilhoso. Foi invenção nossa.

LB: Vocês têm isso registrado?

MA: Temos. Foi bem bacana. Esse curso de tutoria foi de dois dias, 10 horas de curso, para aqueles que quiseram participar. São doutorandos que vieram participar da tutoria. Então nós fizemos uma programação de formação do tutor. Antes nós não tínhamos feito o curso, nós chamamos as pessoas, as pessoas vieram e nós fomos fazendo, experimentando. Tivemos tanta gente com boa vontade que deu muito certo. Eles mesmos foram mostrando para nós: "olha, vamos trabalhar assim"; "vamos trabalhar assado"; "vamos trabalhar a questão da escrita". Foram ajudando a construir os primeiros textos sobre a formulação do problema, a problematização do tema, os objetivos, as pesquisas correlatas, isso tudo o trabalho na tutoria. Então nós fomos trabalhando empiricamente assim...

LB: Como orientadores informais...

MA: Exatamente. O aprendizado da orientação. E eles falam para nós: "nós estamos ao mesmo tempo aprendendo a ensinar e aprendendo a orientar". Ensinar é na monitoria, e na tutoria é a orientação. Então, esse aprendizado da orientação, nós estamos conseguindo sistematizar. O que nós falamos? Vocês são doutorandos, daqui a pouco vocês vão ter que orientar, então, aqui é um aprendizado da orientação.

LB: E levando em conta que estão trabalhando com o *lato sensu*...

MA: Isso, eles orientam TCCs, eles orientam trabalhos de extensão, eles já têm que ser orientadores e ninguém disse para eles como é que se trabalha com a orientação. Então nós fomos sistematizando um pouco e já conseguimos fazer um curso no início de agosto.

LB: Já mais formalizado.

MA: Mais formalizado, fruto do experimento, da experiência. Então, eu não sei. Voltando para os colegas de Nottingham, como é que é isso? Nós sentimos a necessidade de fazer esse curso porque nós vimos que se nós deixássemos pessoas diferentes orientarem, em alguns momentos surgiam algumas tensões. Até dos alunos dizerem: “mas eles viram isso aqui com os tutores e nós não vimos”. Então nós começamos a perceber que tinha que ter um pouco, um alinhamento, eles chamaram de alinhamento. Nós temos que fazer um alinhamento básico. E ontem, quando eu fui apresentar essa proposta para os alunos novos, as tutoras que foram comigo falaram isso para eles: “Vocês podem ter certeza de que conseguirão”. Porque nós programamos encontro por encontro na tutoria com eles. Que são pequenos grupos com dois ou três tutores. Então, são oito encontros por semestre e nós fizemos a programação. Então elas falaram: “Vocês podem ter certeza de que o que for feito em um grupo vai ser feito no outro”. Já estamos alinhando para não ocorrer isso: “Nós não vimos e vocês viram”; “vocês fizeram isso, nós fizemos aquilo”. Então, nós estamos tentando fazer.

LB: Esses lineamentos básicos, construídos no coletivo, certamente não se caracterizam como formalizações ou prescrições rígidas ao estilo dos livros da coleção “how to”⁶. Mas quem reflete e procura prestar atenção para todas as variáveis no processo de orientação acaba dando-se conta de questões como: o aluno full time e o aluno part time tem que ser orientado da mesma forma? Quais os desafios para orientar um aluno que é imigrante? E tantas outras especificidades que demandam atenção, acolhimento e atendimento particularizado que dificilmente seriam contempladas por normativas ou regimentos rígidos.

MA: É verdade. Bom, há pontos comuns que você fala. Todo mundo tem que produzir um texto até o final do semestre. E esse texto vai ser revisto por esses auxiliares, por esses tutores, que vão dar muitas devolutivas. Como é que vai ser a devolutiva? Nós também fomos aprendendo como é que pode ser a devolutiva. A devolutiva coletiva. Pode ser por temas, podemos trabalhar por temas. Depois o grupo compartilha. O grupo acha isso bom. Então, nós fomos definindo um pouco isso. Agora o vínculo pessoal tem um papel muito importante, porque é isso. Se eu tenho um pequeno grupo para trabalhar, eu sei que aquele tem mais dificuldade na escrita, então, para que ele não se desmotive, o que eu posso fazer com ele? Para que ele não possa falar: “Ah, eu não sei fazer”. Elas até falaram isso ontem também. Porque têm pessoas que chegam com uma ideia mais clara do projeto e outras não. Outras não têm a menor ideia. Estão começando do zero. Então você tem que saber como é que você lida. É importante que todos cresçam, você não vai ficar esperando o outro e nem o outro não vai ficar ali jogado às traças porque você só vai trabalhar com aquele que já sabe. Sentir a escuta do outro, que é muito importante na orientação.

LB: E é nesse sentido que podemos falar de formação de orientadores no coletivo, no espaço grupal.

MA: Porque você pode ter algumas linhas comuns de trabalho. O grupo pode funcionar dessa maneira, com subgrupos, mas o processo vai ser sempre muito mais dinâmico. Muito mais dialético nesse sentido, assim, de idas e vindas, de aprendizagem pela própria experiência. Eu acho que vai ser sempre uma coisa

difícil de você registrar mesmo. O próprio processo. A não ser que você vá sistematizando esses registros, como isso vai acontecendo. Nós também temos pesquisado um pouco, o que está significando para você, menina, que está chegando nessa tutoria. Eles próprios já fizeram um pouco, já apresentaram no EDUCERE um pouco disso, há dois anos. O que para os alunos que estão sendo orientados está significando? O que eles acham bom? O que eles acham que pode melhorar? Nós fazemos uma avaliação dessa orientação. E dos próprios tutores também. Eles também entrevistaram os tutores para perguntar.

LB: Vocês têm isso sistematizado?

MA: Tem, sim. Eu organizei com eles uma pesquisa mesmo. Junto aos tutores e tutorandos. Para eles falarem como é que tem sido esse aprendizado deles.

LB: Minha colega de PPGE/UFSC, Gilka Girardello, e eu já oferecemos cinco versões de um Seminário Especial chamado "Formação e atuação de orientadores de dissertações e teses". Em primeiro lugar, nós nos surpreendemos com a procura. Sempre ultrapassa o número de candidatos em relação ao de vagas...

MA: Nossa!

LB: E, em segundo lugar, com a surpresa que é essa percepção de que eu não estou me formando apenas mestre ou doutor. Já estou me formando também orientador. Porque não é, assim, num passe de mágica. Não é o processo de defesa ou o fato de ter sido orientado que vai habilitar-me a ser orientador.

MA: Não é no dia seguinte que eu já vou orientar.

LB: Gostaria muito de estabelecer interlocuções com você e o grupo sobre esta temática. Porque se nós formos atrás de registros sobre essa questão é muito complicado conseguir.

MA: Sim, muito complicado.

LB: Mas, ao mesmo tempo, há tantas experiências e textos dispersos por aí. Basta pensarmos na sua experiência: PUC-Rio, EUA, USP, PUC/SP.

MA: Bem isso. Do coletivo para o individual. E quando entro aqui na PUC, retomo a questão do coletivo. É bem isso. Quando eu fui fazer essa experiência da tutoria, eu fui em Recife, no Congresso Internacional de Currículo, e apresentei a nossa proposta curricular da tutoria. Ela faz parte do currículo, ela é um componente do currículo. Tem horário para a tutoria, dentro do nosso currículo, para os alunos e para os tutores. E as colegas de Portugal falaram: "nossa, impossível. Eles ganham?". Quiseram saber logo: "eles ganham?". Não, não ganham. Eles ganham muito, não dinheiro. Mas ganham muito e eles falam: 'para a minha formação'...' Eu tenho dois que agora vão defender o doutorado, um no dia quatro e outro no dia 11. Os dois foram tutores maravilhosos. Então eles falam o quanto para eles foi formativo o fato de eles estarem participando da tutoria. E eles já orientam trabalhos de Iniciação Científica, porque os dois são professores universitários, orientam trabalhos de conclusão...

LB: E que coisa fantástica essa questão de eles estarem disponíveis para isso e encontrarem no orientando a disponibilidade de ser orientado. É um encontro de duas pessoas, de duas disponibilidades, e aí potencializa.

MA: Isso. Já tivemos um pouco de resistência dos mestrandos em aceitar. Nós chamamos o par mais experiente, no sentido do Vygotsky. Alguns já falavam: “mas, como? Eu quero um orientador. Um professor”. Mas foram poucas as pessoas, e daí nós conversamos. E contornamos, porque, às vezes, não é nem maldade. É a não percepção.

LT: Da potencialidade.

MA: Isso, da potencialidade. Porque na medida em que eles vão sentindo que vai ajudando não tem mais isso.

LB: Marli, por mim, e penso que por parte da Luiza também, estamos satisfeitos com a entrevista. Não sei se você quer acrescentar alguma coisa.. Quer seja afetiva ou profissionalmente. Pelo exposto, fica explícito que o grupo se constitui espaço-tempo de formação e atuação do orientador.

MA: Eu não sei o que eu poderia acrescentar. Eu acredito muito no coletivo. Agora que eu estive no Ceará uma das meninas que estava na palestra disse: “Professora, diante desse desânimo todo que existe na rede, onde o professor está tão desestimulado, como fazer? O que fazer diante dessa situação?” Eu disse: “Eu acho que a única saída é pelo coletivo, eu não vejo outra saída”. Se nós não juntarmos aqueles que têm um pouco de esperança, aquilo que a Bernadete falou hoje, pequenos núcleos, espaços, em que você pode atuar de uma forma que você sabe que, dando aquilo que você sabe, que você conquistou, aquilo que você construiu de conhecimentos e de outras experiências. Eu aposto muito nisso. E a minha vida inteira eu só vi resultados positivos com o fato das pessoas se juntarem, juntarem os seus saberes e fazerem convergir em benefício de alguma coisa. Então, eu defendo muito essa ideia do coletivo como uma prática que traz muito benefício. Se nós ainda não conseguimos sistematizar direito, no dia a dia, nós vamos percebendo que ela tem contribuições importantes para a nossa pós-graduação, para as pessoas que estão aqui e para o futuro da educação. É isso que nos move no nosso trabalho.

LB/LT: Marli, obrigado por partilhar com a gente este tempo e pelas lições sobre pesquisa, orientação, grupo, coletivo.

AGRADECIMENTOS: CNPq

Endnotes

- 1 Excertos desta entrevista, que ora está sendo publicada, na sua integralidade, neste número especial, em homenagem à profª. Marli, compõem parte do texto: “Grupos de pesquisa e formação de Orientadores: tributo à Marli André (In memoriam)”, publicado na Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 06, n. 17, p. 181-190, jan./abr. 2021.
DOI:<https://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n17.p181-190>
- 2 Referência ao Grupo de Pesquisa: “Formação de professores, ensino e avaliação”, coordenado pela profª. Maria Isabel da Cunha. Para interessados, a íntegra da entrevista encontra-se em: CUNHA, M. I.; BIANCHETTI, L. O Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS: memórias e olhares em questão. In: GRAZZIOTIN, L. S. S. et al. 25 anos do Programa de Pós-Graduação da Unisinos. Trajetórias e Perspectivas. São Leopoldo: Oikos, 2019.
- 3 Referência ao Grupo de Pesquisa Coordenado pela Profª. Marli André.
- 4 Referência ao Grupo de Pesquisa: “Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade” (GEOTEC), coordenado pela profª. Tânia Maria Hetkowsk, da Universidade do Estado da Bahia.
- 5 Cf. WALKER, M. and THOMSON, P. The Routledge Doctoral Supervisor’s Companion. Supporting effective research in Education and the Social Science. London and New York: Routledge. Taylor & Francis Group, 2010.
- 6 Referência a livros como: MURRAY, R. How to survive your Viva. England: Open University Press, 2009. TRAFFORD, V. and LESHEM, S. Stepping Stones to Achieving your Doctorate. By focusing on your viva from the start. England: Open University Press, 2008.

BIANCHETTI, L.; TURNES, L.; Grupos de pesquisa e a função orientadora. Entrevista com a professora Marli André (*in memoriam, 1944-2021*) Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores. Belo Horizonte. Vol. 13, nº. 28 (p. 21-30) 31 dez. 2021. ISSN: 2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbpf.v13i28.535>